LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA SOCIAL NA CULTURA POPULAR: ORALIDADE E ENTONAÇÃO NO CAUSO DO RÁDIO DE GERALDINHO NOGUEIRA

https://doi.org/10.56238/levv16n45-063

Data de submissão: 28/01/2025 **Data de publicação:** 28/02/2025

Tainara de Oliveira Silva
Mestra em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: tainaraoliveira0719@gmail.com.

Samara Leandro de Oliveira
Mestra em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: samaraleandro2011@gmail.com.

Erick Samuel Silva Thomas
Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
E-mail: thomaserick98@gmail.com.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a relevância da contação de histórias na cultura popular, com foco na cultura sertaneja goiana, ao destacar o papel identitário dessa prática. O objeto de estudo desta pesquisa refere-se à análise da obra de Geraldo Policiano Nogueira, conhecido como Geraldinho, famoso narrador de causos que faz parte do patrimônio histórico-cultural de Goiás. Esta pesquisa aborda a oralidade como uma ferramenta de comunicação nas esferas sociais, enfatizando aspectos como entonação e o emotivo-volitivo, características fundamentais no processo socioidentitário da cultura caipira sertaneja. A análise do Causo do Rádio (2003), produzido por Geraldinho, evidencia como a narrativa oral contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades nos narradores, promovendo a transmissão de conhecimentos sociais, culturais e ideológicos. Geraldinho, reconhecido como "rei do causo", ganhou notoriedade na década de 1980 ao participar do programa "Frutos da Terra" e valorizar os dizeres e práticas populares em diferentes contextos sociais, como festas, botecos e folias. Para isso, utilizamos a pesquisa qualitativa e de paradigma interpretativista, além de um corpus documental, com a análise do causo realizada por meio de registros disponíveis na plataforma YouTube acerca do prosador goiano. A fundamentação teórica é embasada nos estudos dos filósofos russos Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, além de conceitos de Koch (2003) e Marcuschi (2005) a respeito da linguagem oral. Os resultados destacam a importância do contar e ouvir histórias como práticas socioculturais que reafirmam a oralidade enquanto elemento constitutivo da identidade cultural sertaneja goiana.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Geraldinho. Cultura Popular.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir o funcionamento e as características da narração na cultura popular e abordar como essa prática se transformou em um símbolo identitário na cultura sertaneja goiana, por meio do prosador Geraldo Policiano Nogueira, mais conhecido por Geraldinho. Com este trabalho, buscamos valorizar a oralidade a fim de apresentar tanto as características quanto o funcionamento das narrações como ferramenta de comunicação nos diversos contextos sociais que nos atravessam. Pensamos, assim, na comunicação oral, na entonação e no emotivo-volitivo[1] como processos de práticas sociais da cultura caipira, visto que, neste texto, discutimos especialmente o *Causo do Rádio* (Nogueira, 2003), produzido por Geraldinho, a fim de verificarmos como o uso do texto oral revela competências, habilidades e peculiaridades para os narradores, proporcionando conhecimento de mundo e demonstrando domínio ao associar esse conhecimento com a arte da narração.

Geraldinho nasceu em Bela Vista, no interior de Goiás, região centro-oeste do Brasil, e foi um contador de causos, com notória representatividade para a cultura popular sertaneja goiana (Silva, 2023). Por meio de seus causos, o prosador ganhou espaço e notoriedade na mídia na década de 1980, trazendo valorização aos dizeres e práticas populares da cultura caipira em que estava inserido. Tornou-se um patrimônio cultural do estado de Goiás, sendo reconhecido como *O rei do causo*. Segundo a tradição, Geraldinho não perdia uma oportunidade sequer de contar suas histórias, alegrando as pessoas de sua comunidade linguística, na roça, nas festas, no boteco, nas folias e até mesmo nos velórios.

Seu reconhecimento foi concretizado por meio do apresentador de TV Hamilton Carneiro, em 1984, que o convidou para participar do programa "Frutos da Terra", transmitido pela Rede Anhanguera, afiliada da Rede Globo. Após a participação no programa, Geraldinho ganhou popularidade por nos contar suas ricas e divertidas narrativas (Silva, 2023).

Desse modo, buscamos pensar na comunicação oral como uma prática social, observando as características da entonação na contação de histórias, de modo que as narrativas têm grande relevância na sociedade, pois os seres humanos vivem dessa prática, utilizando a linguagem oral com mais frequência do que a escrita. Esperamos, por meio dos resultados, mostrar a importância do ouvir e contar histórias nas práticas e saberes da cultura popular, além de reafirmar a importância da oralidade, parte do processo de formação identitária dos sujeitos dessa comunidade. Objetivamos, ainda, construir uma leitura imaginando o cenário do universo caipira por meio das narrações de Geraldinho.

[1] Emotivo-volitivo refere-se à combinação de emoções e vontades em uma ação ou expressão. Exemplo: "Apesar do medo, ele decidiu enfrentar o desafio, com o coração cheio de coragem", em que a emoção (medo) e a vontade (enfrentar o desafio) se combinam (Silva, 2023).

Para isso, utilizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa e de *corpus* documental, com a coleta de dados sendo adotada como um procedimento de pesquisa. As narrações e suas características foram extraídas por meio da análise do causo, pesquisado na plataforma *YouTube*.

A fundamentação teórica deste artigo é respaldada nas considerações dos filósofos russos Mikhail Bakhtin (2006) e Valentin Volóchinov (2013, 2017), que, em seus escritos, contribuíram para os objetivos deste trabalho, possibilitando a compreensão das características e do funcionamento do discurso oral em diferentes contextos. Utilizamos, também, conceitos de Marcuschi (2005), como oralidade e escrita, com vistas a apresentar a relevância da linguagem oral e de que modo ela se concretiza em um recurso utilizado pelo prosador goiano.

2 A NARRAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL NA OBRA DO PROSADOR GOIANO: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

A história foi gradualmente sendo desvendada graças às experiências compartilhadas entre diferentes indivíduos, que interagiram revelando suas crenças, ideologias, valores e vivências. Essas experiências, acumuladas por meio das relações sociais, demonstram, segundo Bakhtin (2017), que o "eu" é formado a partir do "outro", e, embora cada enunciado seja único e singular, ele já foi em algum momento da história enunciado por outra pessoa, concomitantemente é "através da palavra que o sujeito é constituído em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade" (Bakhtin, 2017, p. 115).

É importante ressaltar aqui o conceito de prática social. A prática social é um conceito utilizado para descrever os comportamentos, ações e interações que os indivíduos realizam em determinado contexto social e cultural. Essas práticas, embora estejam frequentemente associadas a regras e normas compartilhadas dentro de um grupo, não são simplesmente rotinas ou hábitos repetitivos; elas envolvem significados, valores e saberes que são constantemente negociados e reproduzidos pelos membros da sociedade. Ao interagir com o ambiente social e com outros indivíduos, o ser humano constrói, de forma ativa e dinâmica, as práticas sociais que caracterizam sua realidade cotidiana.

As práticas sociais podem se manifestar de diversas formas, como nas relações de trabalho, na educação, nas manifestações culturais, nas crenças religiosas ou nas formas de consumo. Embora frequentemente possuam uma estrutura que parece estável, elas estão em constante transformação, influenciadas por fatores históricos, econômicos, políticos e tecnológicos. Assim, a prática social reflete não apenas o presente de uma sociedade, mas também as lutas, tensões e contradições que a constituem.

O contador de histórias cria um vínculo afetivo com sua comunidade, utilizando elementos relevantes que contribuem para a construção de suas narrativas, todos inseridos no mesmo universo sociocultural dos seus ouvintes. O narrador constrói seus relatos a partir de vivências dentro de sua

própria comunidade. O que o distingue de outros membros do grupo linguístico e social é sua habilidade em contar histórias, capturando a atenção dos ouvintes e envolvendo-os na trama narrada. Tanto o narrador quanto o público compartilham um mesmo contexto social, histórico e ideológico, já que "cada época e grupo social possuem seu próprio repertório de formas discursivas para a comunicação socioideológica" (Bakhtin, 2017, p. 34).

Na cultura caipira, era comum que a comunicação se baseasse mais na linguagem oral do que na escrita, porque, em grande parte, os caipiras tinham baixa escolaridade e, consequentemente, pouca familiaridade com a escrita (Silva, 2023). Nesse cenário, a oralidade se tornou o principal meio de interação social. O discurso oral valorizou as práticas, assim como os conhecimentos desses grupos, proporcionando uma relação mais eficiente com o uso social da língua. Ao afirmar que a linguagem oral predomina sobre a escrita, alinhamo-nos à perspectiva de Bakhtin (2006), que defende que a comunicação verbal é sempre estruturada pelos gêneros do discurso. Em outras palavras, nossos enunciados seguem formas padrão e relativamente estáveis de organização. Embora possuamos um vasto repertório de gêneros discursivos, tanto orais quanto escritos, utilizamos esses gêneros de maneira fluida e habilidosa no cotidiano, muitas vezes sem perceber ou refletir sobre sua fundamentação teórica (Bakhtin, 2006, p. 301).

Ao utilizarmos a linguagem verbal, escolhemos cuidadosamente a entonação de nossas palavras, bem como os elementos linguísticos, o que evidencia a relevância da comunicação oral na interação entre os indivíduos. A oralidade se configura como uma prática discursiva carregada de valores sociais, abrangendo diferentes tradições, crenças, ideologias e costumes. Nesse contexto, toda expressão está impregnada de valores sócio-históricos, em um processo contínuo de intercâmbio entre as diversas vozes sociais (Bakhtin, 2006).

Bakhtin (2006) também destaca que todas as formas orais empregadas no cotidiano são gêneros discursivos, ricos em significados temáticos. Assim, compreendemos que Geraldinho foi um exímio contador de causos que representou, com autenticidade, a cultura goiana. Por meio da oralidade, ele expressou suas ideologias e, fiel à sua cultura, construiu narrativas socialmente fundamentadas. Ele utilizou com maestria a modalidade da língua que dominava, fazendo pleno uso de uma língua viva e dinâmica (Silva, 2023). Como esclarece Bakhtin:

> Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas [para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala]. Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas [admitamos, por enquanto, a legitimidade destas] num dado contexto concreto (Bakhtin, 2006, p. 95).

Geraldinho manteve sua forma rústica de contar histórias, conquistando um grande número de pessoas com os seus causos. Ele passou por diversas mudanças em sua sociedade, mas não abandonou sua abordagem de narrador artesanal em favor de narrativas profissionais. Pelo contrário, a essência

de suas histórias estava justamente no processo simples e genuíno com que ele as construía (Silva, 2023). Geraldinho não se distanciou da modernização que acontecia ao seu redor; ao contrário, ele soube incorporar temas contemporâneos, criando causos que dialogavam com as questões atuais de sua época.

É importante destacar que, no processo de elaboração de um discurso oral, existem diversos elementos que influenciam o planejamento da comunicação, como as hesitações. Conforme Koch (2003, p. 91), essas hesitações se manifestam por meio de pausas, que podem ser preenchidas ou não, alongamentos de sons vocálicos, consoantes ou sílabas iniciais e finais, repetição de palavras simples, truncamentos oracionais, entre outros. Tais elementos cumprem uma função cognitiva, pois permitem que o locutor tenha mais tempo para planejar e verbalizar seu discurso. Vale ressaltar que essas hesitações são menos controladas, uma vez que são influenciadas pelas diversas pressões situacionais às quais os interlocutores estão submetidos (Koch, 2003, p. 91).

Uma das estratégias do discurso oral é a repetição, que, no texto escrito, é vista de forma negativa, como redundante e mal estruturada. Segundo Koch (2003), a repetição envolve recursos teóricos, mecanismos coesivos e efeitos semânticos. Como recurso retórico, a repetição serve para dar ênfase ao que foi dito, retomando ideias e argumentos essenciais, de forma a persuadir o interlocutor (Koch, 2003; Silva, 2023). Os efeitos semânticos mais comuns são: continuidade, ênfase, intensidade, interação, frequência, progressão e habitualidade.

Notamos que Geraldinho utilizava essas estratégias descritas por Koch (2003) mesmo sem ter recebido formalmente treinamento em narrativa. Suas histórias eram construídas com recursos como repetição, pausas, prolongamento de vogais, ênfase no clímax, risadas que indicavam o efeito humorístico, entre outros elementos (Silva, 2023). Dessa forma, vemos como Geraldinho estava profundamente enraizado em sua cultura, nunca se afastando de sua identidade. Ele construiu suas narrativas dentro de seu universo sociocultural, demonstrando a importância da oralidade como um meio de interação e transmissão dos saberes da cultura popular. É nesse âmbito que Geraldinho se destacou como um dos maiores representantes da cultura sertaneja goiana na década de 1980 (Silva, 2023).

3 A ORALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS: HORIZONTES E DESAFIOS

Segundo Marcuschi (2005), os sujeitos utilizam mais a oralidade do que a escrita e, mesmo assim, a escrita é vista como superior à oralidade. Constatamos esse fato na definição de uma pessoa que é tida como “educada”, pois, para ela, quem não escreve bem e não possui escolaridade formal não ganha o título de uma pessoa bem-educada, ficando com a categoria de sujeito inferior. Porém, em concordância com Marcuschi (2005), essa ideia é um verdadeiro equívoco, pois tanto a escrita quanto a fala são atividades fundamentais, práticas discursivas que não estão em uma arena de disputa,

mas uma complementa a outra, revelando as dinâmicas da comunicação. Tanto o texto escrito quanto o falado proporcionam às pessoas o alcance para organizarem seus discursos nos diversos âmbitos sociais (Marcuschi, 2005).

Para Marcuschi (1997, 2005), "a escrita não é uma representação da fala, mas sim da língua, assim como a fala também é uma representação da língua, essas duas modalidades são duas práticas discursivas que representam um sistema linguístico". Porém, no texto oral, existem muitas marcas que podem ser percebidas por meio do sujeito que está enunciando. Por exemplo, por meio da fala sabemos quem é o enunciador, isto é, qual gênero (masculino, feminino), qual nível de formalidade (escolarizado, não escolarizado), qual faixa etária (idoso, criança, adulto). Por meio do sotaque, percebemos sua naturalidade, ou seja, de qual estado é nativo.

Antunes (2003) chama a atenção para a maneira como se concebe a oralidade e suas relações com a escrita. Para a autora, interessa mencionar que, embora cada um tenha as suas especificidades e características, não existem diferenças essenciais ou grandes oposições entre a oralidade e a escrita. Isso significa dizer que uma e outra servem à interação verbal, sob a forma de diferentes gêneros discursivos, na diversidade dialetal e de registro que qualquer uso da linguagem implica (Antunes, 2003).

Para Antunes (2003), não existe explicação quanto ao entendimento de uma fala apenas como lugar da espontaneidade, do relaxamento, da falta de planejamento e até do descuido em relação às normas da língua, nem, por outro lado, a ideia de uma língua escrita uniforme, invariável, formal e a correta, em qualquer circunstância. Nesse sentido, "tanto a fala quanto a escrita podem variar, podem estar mais, ou menos, 'cuidadas' em relação à norma-padrão, podem ser mais ou menos formais, pois ambas são igualmente dependentes de seus contextos de uso" (Antunes, 2003, p. 99-100).

Portanto, por meio da escrita, não se podem perceber características detalhadas de quem está enunciando. A escrita possui um caráter de subjetividade em relação ao interlocutor, enquanto a fala traz uma proximidade maior. Assim, "a fala é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia. A escrita, em sua faceta institucional, se adquire em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável" (Marcuschi, 1997, 2005, p. 120).

Vale mencionar que não pretendemos classificar em superior ou inferior essas duas modalidades da língua, pois tanto uma quanto a outra têm suas funções como práticas sociais nas relações sociais. O que Bakhtin (2006) pesquisava não era a importância da língua falada ou escrita, mas sim as relações sociais dos sujeitos nas diferentes esferas de comunicação, ou seja, os tipos de relações comunicativas/interativas que os sujeitos tinham e como essa relação acontecia (Silva, 2023).

Porém, visto que esse artigo tem como *corpus* o gênero causo, composto pelo discurso oral, enfatizamos a importância da oralidade nas esferas interativas, pois a riqueza do gênero discursivo causo, que tem como função sociocomunicativa materializar a cultura popular, está nos detalhes da

discursividade do orador. O que queremos dizer é que esse gênero, quando transcrito, perde toda a sua essência, porque toda a materialidade comunicativa está na entonação, na tonalidade, no ritmo, na rima e no sotaque, exteriorizado por meio da fala. Silva (2023) argumenta que Geraldinho foi um sujeito cuja comunicação se deu principalmente por meio da fala, em vez da escrita. Ele destaca que, embora todos os povos, em algum momento de sua história, tenham desenvolvido alguma forma de tradição oral, apenas uma parcela pequena também se dedicou à escrita. Não se trata de hierarquizar a oralidade em relação à escrita, mas de reconhecer sua primazia temporal, pois, como afirmado por Marcuschi (1997), a oralidade possui uma "primazia cronológica" indiscutível.

A oralidade, como prática social, determinou o lugar, o papel e a relevância de Geraldinho na sociedade, proporcionou ao artista a interação entre os sujeitos em um espaço social, fomentando a comunicação dos saberes e experiências. Geraldinho nos mostra o quanto foi um artista que dominava a arte da narrativa, rememorando e imaginando situações criadas no seu cotidiano.

Ao perceber que a maioria das pessoas utilizava a fala como a principal prática comunicativa, o texto oral ganhou uma grande relevância e passou a ser uma modalidade da língua ao lado da modalidade escrita. Assim, "o texto escrito não é mais o soberano, e que, tanto quanto a escrita, a fala tem sua própria maneira de se organizar, desenvolver e transmitir informação, o que permite que se tome como fenômeno específico" (Marcuschi *apud* Fávero; Andrade; Aquino, 2005, p. 7). Da mesma maneira que o texto escrito é elaborado e planejado com uma intenção comunicativa, o texto falado também possui características similares.

De acordo com Barros (2001), a escrita não se limita a transcrever a fala para uma forma diferente de expressão; ela emprega recursos distintos da fala para comunicar conteúdos que a fala transmite por meio de sonoridade e expressões faciais. Os textos falados, por meio de recursos como pausas, interrupções e prolongamentos sonoros, acabam por refletir os esquemas de aspectualização que alternam continuidade e descontinuidade, aceleração e desaceleração, ou intenção e extensão. Cada pausa ou interrupção na fala é seguida por uma duração ou repetição, enquanto os prolongamentos vocais são muitas vezes corrigidos ou pontuados.

Nessa citação, identificamos que Geraldinho utilizou estratégias e recursos como as pausas, a entonação, a aceleração, a repetição, principalmente a famosa frase *"uai mininu"*, utilizada na introdução de quase todas as narrativas. Essas estratégias são utilizadas nos discursos narrativos, que são parte de um processo histórico constituído como um mecanismo importante na comunicação e socialização entre as comunidades populares, sendo estas que se respaldam por meio da comunicação oral (Silva, 2023).

Por meio da contação de histórias, Geraldinho não foi apenas um caipira contador de causos, mas um artista narrador com uma capacidade de criação inigualável. Conseguiu se adequar às modificações de sua época e não se distanciou de sua realidade social e linguística (Silva, 2023). Numa

época em que as pessoas viviam em áreas rurais e muitas vezes não possuíam acesso aos meios tecnológicos, ouvir e contar histórias era o único passatempo para esquecer o dia árduo de trabalho no campo, como descrito por Geraldinho (Silva, 2023).

4 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ORALIDADE E A ENTONAÇÃO NA PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Valentin Volóchinov (2013) comenta que "os juízos e valorações se referem a uma certa tonalidade, na qual a palavra entra em contato com o acontecimento da vida e se funde com ele em uma unidade indissolúvel" (Volóchinov, 2013, p. 77). Isto é, o tom é o mediador valioso para a compreensão do enunciado, é por meio dele que a materialidade se compõe em enunciado. Quando Geraldinho enuncia a partir de seu contexto sócio-histórico-ideológico, antes mesmo de o enunciado ser externalizado, ele compunha, em seu pensamento, um visual de aparência caipira já sabendo o tom que iria usar, ou a entonação que seu discurso teria.

Bakhtin (2006) afirma que somente o tom emotivo-volitivo permite a realização da compreensão de qualquer tema e de qualquer pensamento, uma vez que é a atitude comunicativa e valorativa que afirma o pensamento, mostra as valorações e proporciona o ato enunciativo. Antes da externalização de uma palavra, de um dizer se tornar enunciado, o sujeito já internaliza no pensamento o emocional e volitivo (participativo), o pensamento entonado (valorativo), e essa entonação atinge todo o pensamento. Isto é, Geraldinho intencionalmente enunciava com entonação. Assim, é possível perceber em suas narrativas o momento em que ele acelera sua fala, ou seja, quando ocorria a mudança de entonação e dava mais expressividade no momento do clímax da história. Logo após utilizar essa estratégia, ele soltava sua risada caricata, proporcionando assim os efeitos de sentido relacionados àquele momento do efeito humorístico. Assim, um tom emocional e volitivo abrange toda escolha lexical do pensamento num ato enunciativo e o relaciona com a situação individual do ser (Bakhtin, 1997, p. 41-42).

Ao expressar um enunciado em um determinado tom, o locutor vai observar a situação enunciativa, a proximidade com os interlocutores, os juízos de valor e o nível de formalidade ou informalidade. Sendo assim, o enunciado é analisado no contexto, isto é, "situado". Vejamos a seguinte frase retirada do *Causo do Peãozinho Novo*, *"[...] e o registro dele foi e bambeou*". Se esse enunciado for pronunciado num contexto fora da contação de causos, certamente a entonação ganharia outra sonoridade, não seria mais a narrativa humorística, talvez receberia uma entonação com mais seriedade. Isso aconteceria porque a história do *Causo do Peãozinho Novo* é sobre um jovem trabalhador rural que, segundo Geraldinho, "só mexia com capim", mas, um certo dia, pela necessidade de um trabalho, pediu um serviço na roça. No primeiro dia de trabalho, o peãozinho é encarregado de ir buscar um "boi brabo". O jovem moço, ingênuo e sem experiência com o trato de

animais, escolhe o cavalo mais bravo. Ao sair pelo caminho com seu cavalo, é avistado pelo boi arisco, que corre em direção deles, assustando tanto o cavalo quanto o peãozinho.

Isso significa dizer que o lexema escolhido pode continuar o mesmo, o que muda é a entonação que o prosador dá a partir do contexto sócio-histórico-ideológico, assim, tanto a tonalidade quanto o sentido das palavras "registro" e "bambeou" ganham ressignificação singular para os interlocutores, visto que Geraldinho utilizou essas palavras para se referir ao corpo do peãozinho, por isso, a palavra "registro" significa o intestino e "bambeou" se refere à vontade do peãozinho de fazer as necessidades fisiológicas. Dessa forma, Geraldinho utiliza um tom sarcástico e zombeteiro referente ao protagonista da história.

Outra obra de vital relevância que fala sobre a entonação é "Questões da estilística no ensino da língua" (Bakhtin, 2013, 2019), na qual o autor, na posição de sujeito-professor, ensina seus alunos a lerem em voz alta para os ajudar no processo de construção de seus textos. Ele aponta que os estudantes "devem sentir e ver qual é a necessidade interna de combinar a entonação com a mímica e o gesto quando o verso é pronunciado em voz alta" (Bakhtin, 2019, p. 30). Ainda ressalta que a leitura deve ser feita com expressividade máxima, mesmo que tenham que forçar a entonação, pois é importante que os alunos sintam (emocional), escutem, para terem percepção artística e serem autores de seus textos.

Portanto, as narrativas de Geraldinho foram elaboradas por discursos já citados em uma outra época, por meio de seus pais, seus avós, uma vez que a sua família já tinha esse costume de contar causos na comunidade em que vivia. Por mais único e irrepetível que pareçam ser seus enunciados, o discurso permeado nos causos foram constituídos por discursos de outros. Os filhos de Geraldinho relatam em um vídeo-entrevista que parte dos causos eram acontecimentos reais, Geraldinho os contextualizava utilizando seu domínio artístico.

Conforme cita Volóchinov (2019, p. 124), "os enunciatários, ao construírem sentidos múltiplos e singulares da recepção do enunciado, refratam os tons do seu projeto de sentido em tonalidades singulares, em conformidade com os pontos de vista únicos de cada um deles e com a amplitude do contexto em que esse enunciado tomou corpo".

Frente a isso, a palavra usada com uma entonação específica contém um juízo de valor apreciativo, transmitido por meio do texto e da entoação expressiva. Por isso, junto com a palavra, acontecem as expressões faciais, as gesticulações, os sinais, os acenos, a tonalidade e entonações que contribuem para o processo de formação de mensagens (discursos) que são transmitidas.

Posteriormente, analisamos o *Causo do Rádio* para entendermos as estratégias do emotivo-volitivo por meio da oralidade.

5 CAUSO DO RÁDIO (ANEXO 01)

O *Causo do Rádio* é sobre o próprio prosador, sendo ele protagonista do enredo. Geraldinho trabalhou arduamente durante uma semana na construção da casa de um de seus amigos. Esse amigo o chamou para ouvir no rádio *"os caipiras"* na casa de um senhor que morava perto dele, chamado Enoque. Geraldinho se animou em ir, porque nunca tinha visto um rádio antes. Ao chegar à casa, havia mais pessoas que moravam ali na região. Todos ficaram curiosos e animados para conhecer esse sistema de comunicação que era novidade na época, mas Geraldinho ficou meio desconfiado, porque, para ouvir o rádio, tinha que pagar a quantia de cem réis[2]. Porém, como era algo novo e todo mundo estava pagando sem hesitar, ele se animou e pagou também. O fazendeiro foi chamar sua esposa para ligar o rádio, pois ele não sabia ligar. Quando a esposa ligou o rádio, houve uma confusão na escolha das estações e a esposa colocou em outra programação, e eles começaram a ouvir uma missa. Por fim, Geraldinho foi embora indignado, pois perdeu cem réis, porque não ouviu o que realmente queria.

Segue abaixo a transcrição do causo do rádio produzido por Geraldinho Nogueira:

> **Geraldinho**: Em uma ocasião, mininu… eu fui judá um mininu fazer uma casa lá no mato… Então, eu trabalhei lá a semana inieira e resolvi a pousar lá, quando foi domingo ele falou: "vamo vê os caipiras", aí eu falei: "uai onde se arranja isso aí?" Aí ele falou "não lá no véio Enoque tein" aí eu falei "o que que tem lá" ele disse: "lá tem um rádio", então eu nunca tinha visto essa encrenca… nóis vamu lá oiá. Chegamo lá e tava reunindo mais gente e deu um defeito rapaiz, é que cada um tinha que pagar cem reis...
> **Nesse momento, há risos entre o prosador e os ouvintes**
> **Geraldinho**: Aí eu quis empanzinar com aquilo mas todo mundo tava pagando né… eu falei então vamo. Mas primeiro ele foi lá dentro chamar a muiê pra sortar o trem porque ele não sabia.
> **Nesse momento, Geraldinho solta risadas ao contar esse trecho do causo**
> **Geraldinho**: quando ela torceu o imbigo dele o trem copiou e errou o endereço e montou numa missa…. e aí nois foi obrigado a jogá o chapéu de costas e bater o joei no chaum e o pau quebrou…. essa missa num cabava mais e em vai e joei foi doendo e eu to tolerando quando desocupou rapaiz [...] quando cabou aquela engrenagem.
> **Nesse momento, há risadas de Geraldinho e de seus ouvintes**
> **Geraldinho**: eu pulei lá no terreiro… eu vou perder meus cem reis mais eu num quero saber desse trem de rádio mais nunca.
> **Risadas de Geraldinho e de seus ouvintes ao finalizar o causo**

No *Causo do Rádio*, observamos o posicionamento enunciativo e as diferentes vozes do enredo. A primeira voz refere-se ao amigo que convida Geraldinho para ouvir "os caipiras" na casa do fazendeiro Enoque. Já a segunda voz é de Geraldinho, que, mesmo sem saber ler ou escrever, fica "empanzinado" — ou seja, desconfiado — quando o velho fazendeiro cobra a quantia de cem réis de quem quisesse escutar o rádio. Essa situação revela que Geraldinho era um caipira com pouca escolaridade, mas astuto e perspicaz, já que percebeu que o fazendeiro devoto estava tirando vantagem das pessoas por ser o único da região com acesso à nova tecnologia.

[2] Na atual cotação, equivaleria a 40 centavos de real.

Ao estudarmos o contexto extraverbal, isto é, a situação vivida por Geraldinho e seu amigo, percebemos que o causo traz um sentido real para quem o escuta. Segundo Volóchinov (2013), o contexto extraverbal da enunciação é formado por três aspectos: o primeiro é um horizonte espacial compartilhado pelos falantes, que, no caso analisado, é a casa do fazendeiro Enoque. O segundo aspecto diz respeito ao conhecimento e compreensão comuns da situação, compartilhados entre os participantes. Nesse caso, trata-se de Geraldinho transmitindo suas experiências e valorações para os ouvintes. Por fim, o terceiro elemento é a valoração compartilhada da situação. Esse último ponto está relacionado ao valor atribuído ao dinheiro pelo prosador, que fica desconfiado ao pagar por algo desconhecido.

A narração é contextualizada pelo ambiente da casa do fazendeiro Enoque e pela vivência de Geraldinho, de forma que a enunciação faz sentido tanto para ele quanto para os ouvintes. No entanto, enquanto Geraldinho utiliza sua entonação para narrar, percebemos elementos implícitos, como o fato de ele ser o único a desconfiar do fazendeiro, a curiosidade das pessoas pela tecnologia a ponto de aceitarem pagar sem questionar, e o tom sarcástico ao descrever a obrigatoriedade de ouvir uma missa de uma hora. Por isso, as valorações implícitas emergem não como sentimentos individuais, mas como atos socialmente construídos e relevantes.

Também identificamos o valor ideológico presente na frase “e aí nóis foi obrigado a jogá o chapéu de costas”. Essa passagem representa um traço valorativo da cultura caipira que persiste até os dias atuais, pois Geraldinho comenta que todos tiveram que tirar o chapéu durante a missa transmitida pelo rádio, como uma demonstração de reverência. É interessante notar que esse hábito não se restringia a eventos formais e religiosos, mas também era praticado nas refeições.

Já na frase “[…] quando ela pegou no imbigo dele que torceu, eu vi que tinha um palitim lá dentro… rolô!”, Geraldinho usa a palavra “umbigo” para descrever o botão que ligava o rádio. Isso mostra que, por estar habituado ao trabalho no campo, com animais e plantações, ele não possuía o hábito da leitura e escrita, mas dominava a criatividade narrativa. Geraldinho frequentemente comparava objetos ou pessoas a elementos do seu dia a dia, como ocorre no *Causo da Bicicleta*, em que ele compara a bicicleta a um animal de montaria. Com sua entonação expressiva, Geraldinho envolve os ouvintes, fazendo-os imaginar claramente as cenas que ele narra.

Quanto à estrutura e às características do causo, observamos a predominância da sequência narrativa. O enredo segue uma progressão com introdução, clímax e desfecho, geralmente envolvendo o protagonista em situações difíceis. O narrador, que também é o prosador, alterna entre narrador-personagem e narrador-observador, utilizando com frequência verbos no pretérito, o que estabelece uma sequência cronológica dos acontecimentos. O desfecho do causo, por sua vez, raramente é feliz, com o protagonista saindo em desvantagem, o que gera o efeito humorístico da narrativa. No caso em

análise, Geraldinho, inicialmente desconfiado, sai para ouvir “os caipiras” e conhecer a nova tecnologia, mas termina aborrecido por ter sido “obrigado” a rezar por mais de meia-hora.

A riqueza de detalhes dessa narração, desde a introdução até o desfecho, combinada com a entonação inigualável de Geraldinho, nos revela os interlocutores, criando um efeito imagético e proporcionando sentidos positivos. Ademais, a relação entre o narrador e os ouvintes ganha materialidade significativa, pois, como destaca Volóchinov (2013, p. 82), é “na entonação que o falante se relaciona com os ouvintes: a entonação é social por excelência”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale mencionar que o causo é um gênero que não apresenta vocabulário chulo, ofensivo ou impróprio. Pelo contrário, ele apresenta riqueza cultural, saberes e ideologias, constituindo-se como um texto único. Essa singularidade está presente em suas histórias marcadas pela linguagem rural, que refletem a simplicidade e autenticidade não apenas da voz do prosador, mas de toda a comunidade inserida no causo analisado. Vale ressaltar que os sujeitos desse universo são bem-humorados e levam a vida de maneira despretensiosa, como Geraldinho sempre fez. Assim, a prática de contar histórias no campo do humor tornou-se um importante símbolo no universo sertanejo.

Além disso, percebemos que Geraldinho, caipira do interior de Goiás e contador de causos, carrega consigo a voz do povo de sua comunidade linguística. Ele expressa suas crenças, costumes e valores, revelando aspectos da cultura brasileira interiorana de Goiás. Essa cultura se manifesta tanto no narrador-personagem, que relata os acontecimentos em primeira pessoa, quanto nos outros personagens que ele interpreta e que pertencem ao mesmo grupo social. Dessa forma, o texto analisado reflete as valorações culturais, as práticas, os costumes, as crenças e a religiosidade do interior goiano, como é apontado por Silva (2023).

Também observamos que Geraldinho, ao usar o humor, emprega estratégias próprias da oralidade. Nesse contexto, “[...] é na entonação que a valoração encontra sua expressão mais pura. A entonação estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais” (Volóchinov, 2013, p. 81).

Dessa maneira, o prosador, ao utilizar esferas midiáticas, apresentou seus causos de forma que levava seus ouvintes a ultrapassar o significado literal das palavras. Cada situação narrada permitia imaginar e sentir as experiências vividas por ele, que, como prosador e protagonista, tornava-se “participante permanente da criação. Este acontecimento jamais deixa de ser o da comunicação viva entre todos eles” (Volóchinov, 2013, p. 88). Combinando humor, esperteza e respeito, Geraldinho, enquanto estereótipo do caipira engraçado e habilidoso, consolidou-se como um verdadeiro patrimônio da cultura humorística goiana.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro e interação. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLÓCHINOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua.** Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Hucitec, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Hucitec, 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. 2. ed. São Paulo: Humanistas, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de**. Oralidade e escrita:** perspectivas para o ensino da língua materna. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 75- 147.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionamento.** Recife: Editora UFPE, 2005.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Tópicos de análise da conversação. Nota sobre a relevância Conversacional. **Encontro Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco**, Recife, v. 14, p. 64-69, 1997.

NOGUEIRA, Geraldo Policiano. Causo do Rádio. **Youtube**, postado pelo usuário Frutos da Terra, em 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I_foyKnrSCw. Acesso em: 20 jan. 2025.

SILVA, Tainara de Oliveira da. **Uma análise discursiva nos causos de Geraldinho Nogueira**. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica**. São Paulo: Hucitec, 2019.